

A CONDIÇÃO HUMANA COMO CASO CURIOSO: INTERFACE ENTRE FILOSOFIA E CINEMA*

**Human Condition as a curious case: interface between
Philosophy and Cinema**

Carlos Eduardo de Lima Santos**

Resumo

O artigo interpreta algumas ideias básicas de Heidegger — encontradas em sua obra fundamental *Ser e Tempo* — a partir da *estranha* história do protagonista do filme *O Curioso Caso de Benjamin Button*. Para tanto, este texto percorre um caminho movido pela inquietação que nasce da seguinte questão: quais os elementos apresentados nesse filme que me ajudam a pensar a condição humana? Assim, num primeiro momento, apresentaremos uma pequena síntese do filme para situar nossas ideias ao longo da reflexão. Posteriormente, tentaremos enfocar uma possível interpretação filosófico-existencial do filme, bem como sua visão antropológica, isto é, como é pensada a condição humana no mundo. E por fim, buscaremos enfocar a relação tempo e contingência humana, ou seja, como o tempo reflete diretamente na condição humana.

Palavras-chave: Angústia; mundo; condição humana; autenticidade e inautenticidade do ser; tempo; Heidegger.

Abstract

This article interprets some basic Heidegger's ideas — presents in his fundamental work *Being and Time* — from the strange history of

* Artigo recebido em 27/06/2012 e aprovado para publicação em 05/11/2012.

** É pós-graduando, *lato sensu*, em Psicologia da Educação pela PUC-MG, é graduado e licenciado em Filosofia pela FAJE, e é graduado em Teologia pelo CES/JF. Contato: edullimabh@gmail.com

protagonist of the movie *The curious case of Benjamin Button*. For this, this paper takes a way moved by the inquietude from that question: what are the elements presented in the movie that help me to think about the human condition? Therefore, in a first moment, we show a little synthesis of the movie to place our ideas along of this reflection. After, we try to do a possible philosophical-existential interpretation of the movie, and also its anthropological vision, i.e., how the human condition is thought in the world. At last, our focus is the relationship between time and contingency, i.e., how the time reflects directly in the human condition.

Keywords: Anguish, world, human condition, authenticity and inauthenticity of the being; time; Heidegger.

INTRODUÇÃO

O filme *O Curioso Caso de Benjamin Button*, adaptação do romance de F. Scott Fitzgerald¹, conta a história de Benjamin Button (Brad Pitt), nascido sob circunstâncias incomuns devido a doença rara. Desde os primeiros minutos de vida Button apresenta sintomas patológicos próprios de um idoso de oitenta anos e próximo da morte, diferente de um bebê recém-nascido e saudável. Em vista disso, sua mãe após dar à luz ao estranho bebê entrega-o ao marido, Thomas Button (Jason Flemyng), confiando-lhe o cuidado do filho. Logo em seguida, devido às complicações do parto, ela morre. Thomas, ao dar-se conta do aspecto desagradável do filho, abandona-o na escada de um asilo onde é encontrado por Queenie (Taraji P. Herson), funcionária da instituição. Queenie o adota e lhe dispensa os cuidados necessários com muito carinho, sobretudo pelo fato de ela não poder ter filhos.

Benjamin cresce naquele asilo e, num primeiro momento de sua vida, pensa que é um velho próximo da morte, assim como alguns moradores daquele lugar, mas, com o passar do tempo, ele observa que, ao contrário de todos que estão a sua volta, que envelhecem e morrem, ele está a rejuvenescer e a ficar mais forte, ganhando mais cabelo e ficando mais ativo. Em vista dessas descobertas, sua visão de mundo começa a mudar diante do fluir do tempo, pois, num primeiro momento o mundo de Benjamin apresenta-se para ele como uma realidade estranha e angustiante, onde ele encontra-se lançado na existência sem respostas a sua contingência humana. Mas num segundo momento, o mundo revela-se para ele não mais como algo que o assusta, e sim como uma teia de significados e direção para sua vida.

¹ Fitzgerald, Francis Scott (1896-1940) é considerado um dos maiores escritores americanos do século XX. Suas histórias, reunidas sob o título *Contos da Era do Jazz*, refletiam o estado de espírito da época. Foi um dos escritores da chamada "geração perdida" da literatura americana.

Em vista de suas descobertas no campo de sua identidade humana, ele também constrói relações intersubjetivas que se tornam importantes para sua vida, como, por exemplo, sua amizade com o capitão Mike (Jared Harris), seu romance com Elizabeth Abbott (Tilda Swinton), o encontro e a revelação do seu pai biológico e principalmente seu encontro com Daisy Fuller (Cate Blanchett) e seu amor por ela, por quem apaixona-se no primeiro momento que a vê. Desenvolve-se entre eles uma amizade e um amor que perpassam os anos numa relação de encontros e desencontros tutelados, segundo eles, pelo *destino*.

O destino é a causa, segundo esses personagens, que lhes explica o reencontro inesperado. Após isso, vão morar juntos quando estão na casa dos quarenta anos de idade (com uma diferença mínima de seis anos entre eles) e à medida que o tempo passa, Daisy fica mais velha e Benjamin mais novo. Percebe-se que o tempo, mais uma vez, começava a separá-los quando Daisy descobre estar grávida. Após o nascimento de Caroline (Julia Ormond), Benjamin explica para sua esposa que está decidido a deixá-las, porque ele não suportaria ver a filha crescer sem poder ser um bom pai para ela, visto que ele rejuvenescia e, portanto, não poderia estar presente nos momentos mais importantes da vida de sua filha.

Anos mais tarde, Benjamin volta para conhecer a filha fazendo Daisy, que já era uma senhora idosa, ficar surpresa ao vê-lo com a aparência de um jovem por volta dos quinze anos. Ela lhe apresenta a filha e seu marido, e depois concorda que a decisão que Benjamin tomou de sair de casa foi a mais correta, já que ela não conseguiria cuidar de duas crianças.

Alguns anos depois desse encontro, Daisy recebe um telefone e é informada por assistentes sociais que Benjamin fora encontrado em um prédio abandonado, aparentando ter não mais que dez anos, e bastante confuso. Em seguida, ela se muda para o asilo onde Benjamin foi criado e acompanha o seu rejuvenescimento a cada ano, até vê-lo se tornar um bebê que após olhar atentamente para ela, como se a reconhecesse, fecha os olhos e morre em seus braços com a idade de oitenta e cinco anos.

I – UMA POSSÍVEL INTERPRETAÇÃO FILOSÓFICO-EXISTENCIAL

O filme tem certa afinidade com a *filosofia existencial*², especialmente com o pensamento do Filósofo *Martin Heidegger*³. E foi

² Filosofia Existencial ou Existencialismo é um termo aplicado a uma escola de filósofos dos séculos XIX e XX que, apesar de possuir profundas diferenças em termos de doutrinas, partilhavam a crença que o pensamento filosófico começa com o sujeito humano, não meramente o sujeito pensante, mas as suas ações, sentimentos e a vivência de um ser humano individual. O filósofo do início do século XIX, Søren Kierkegaard, é geralmente considerado como o pai do existencialismo. Ele sustentava a ideia que o indivíduo é o único responsável em dar significado à sua vida e em vivê-la de maneira sincera e apaixonada, apesar da existência de muitos obstáculos e distrações como o desespero, ansiedade, o absurdo, a alienação e o tédio. O existencialismo tornou-se popular nos anos após as guerras mundiais,

justamente a partir dessa abordagem existencial que fui provocado a pensar a seguinte questão: *quais os elementos apresentados nesse filme que me ajudam a pensar a condição humana?*

A curiosidade, subjacente a minha pergunta, me remete a pensar no próprio título do filme, pois o termo *curioso* ou *curiosidade*, que se encontra nele, reporta-me à palavra *curiositas* em latim que em sua origem — a palavra *cura* e o verbo *curo* significa: ter cuidado, preocupação ou interessar-se por algo — nasce da necessidade inescapável do ser humano perguntar a cerca do fundamento do que vê (no radical da palavra aparece o advérbio *cur* que significa *por quê?*).

Por conseguinte, *O Curioso Caso de Benjamin Button* acena para a questão fenomenológica da existência humana, isto é, como a existência humana se dá de forma curiosa, enigmática, visto que os modos de ser (existir) não se identificam apenas com conceitos ou estereótipos usados para definir o que é o homem, mas sim com as dimensões de sua realidade, pois o fenômeno (aparecimento) humano sempre dá a conhecer-se num processo que implica desocultamento e ocultamento de sua realidade, ou seja, ao mesmo tempo em que na sua manifestação o compreendemos por um aspecto hermenêutico, há algo na sua própria mostra que em si mesmo não se mostra.

Justamente por esse algo (não revelado na existência humana, mas que é familiar a todos nós) que somos impulsionados, por nossa *curiosidade epistemológica*⁴, a perguntar pelos fundamentos da nossa própria existência. Em vista disso, a cena que mostra a pergunta do médico — Dr. Rose (Patrick Thomas O'Brien) — à mãe de Benjamim: *da onde veio isso?*, referindo-se ao bebê que havia nascido em circunstâncias incomuns, simboliza a pergunta que fazemos acerca da nossa própria existência, pois, sendo ela um *caso curioso* buscamos compreendê-la.

Logo o primeiro elemento que o filme me apresenta para pensar a condição humana é justamente a sua visão de homem, isto é, o seu ponto de vista antropológico.

II – OS DOIS POLOS DA CONDIÇÃO HUMANA

O filme sugere dois polos da condição humana: a fragilidade humana diante do mundo e a grandeza humana perante sua existência no mundo.

Num primeiro momento, o mundo aparece para Benjamin como uma realidade que o assusta e lhe provoca estranhamento e angústia. Isso fica claro na cena quando ele, sendo um velho criança,

como maneira de reafirmar a importância da liberdade e individualidade humana. Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Existencialismo> >. Acesso em: 10/12/2011.

³ Martin Heidegger (1889-1976), filósofo alemão. Sua obra máxima é *Ser e tempo* (1927).

⁴ Termo usado por Paulo Freire para indicar que a *curiosidade epistemológica* não é qualquer curiosidade, mas é a que está ligada ao difícil, mas prazeroso, ato de estudar. Cf. o verbete “curiosidade epistemológica” no *Dicionário Paulo Freire*. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 107.

e a jovem Daisy estão conversando de madrugada debaixo da mesa e são descobertos pela Sra. Fuller (Phyllis Somerville), avó de Daisy, e esta, enfurecida, manda sua neta para o quarto dormir e depois repreende Benjamin dizendo que ele deveria se envergonhar por estar aquela hora ao lado de uma criança. Ele fica triste por se sentir diferente das outras pessoas e não compreende, naquele momento, que não era um velho no final da vida e sim uma criança, por isso ele se comportava daquela maneira. Logo depois sua mãe adotiva aparece, subitamente, e ele chorando pergunta-lhe: *o que há de errado comigo, mamãe?*

Esta cena revela que Benjamin sofre por causa do silêncio, isto é, de não encontrar respostas para aquilo que o angustia. O silêncio à pergunta de Benjamin (*o que há de errado comigo, mamãe?*) simboliza o mesmo silêncio que nos corta a palavra, por causa da nossa fragilidade humana diante de uma realidade que nos provoca estranhamento, dor e angústia por causa da experiência de estarmos lançados no mundo. Em vista disso, a temática da angústia apresentada na vida do personagem Benjamin Button tem certa semelhança com a angústia trabalhada pelo filósofo Martin Heidegger, para quem a angústia é uma insegurança que sentimos por causa da nossa própria condição perante o mundo. Nela o homem encontra-se isolado, só no mundo. Isto é, a solidão não é de pessoas, mas solidão diante da sua própria condição humana. Na angústia, o homem encontra-se expulso do seu “em casa”, ou seja, o estar em casa significa estar assegurado junto ao hábito, junto ao seu cotidiano e junto a sua familiaridade (DUBOIS, 2005, p. 42). Quando o homem experimenta a angústia lhe é quebrada toda sensação de segurança existencial por um sentimento de ameaça imanente por sua condição de fragilidade perante o mundo. Ao contrário do temor e do medo que poderíamos sentir por um *ente intramundano*⁵ que sob um ou outro aspecto determinado nos ameaça como, por exemplo, o perigo numa situação de assalto, o medo de perdermos o emprego, a dor do término de uma relação etc. A angústia em Heidegger é sempre angústia diante do nada que manifesta o próprio nada, ou seja, o que angustia o homem é algo que está para além da sua situação presente. Visto que o homem no mundo vive de possibilidades, e as possibilidades são a dimensão do futuro do homem, e o homem vive debruçado sobre o futuro, logo o futuro do homem não lhe oferece garantia alguma de realização, pois trata-se apenas de possibilidades. Isto é, no possível tudo é possível, tanto o fracasso como o sucesso. Em vista disso, o homem encontra-se sobre solo movediço onde sua instabilidade no mundo é vivida na situação emotiva da angústia. Todavia, a angústia em Heidegger não deve ser

⁵ Diz Heidegger: “Chamamos de ente muitas coisas, em sentidos diferentes. Ente é tudo aquilo de que falamos aquilo a que, de um modo ou de outro, nos referimos. Ente é também o que e como nós mesmos somos” (*Sein und Zeit*, § 2). Cf. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 334.

interpretada como disposição emotiva que nos neutraliza no mundo em que estamos inseridos, impedindo-nos com isso de conhecê-lo e enfrentá-lo. Pelo contrário, nela há um elemento libertador que ajuda o homem a assumir a autenticidade da sua própria história, não delegando isso a outro.

À vista disso, num segundo momento, o mundo aparece para Benjamin não mais como realidade assustadora, estranha para ele. Mas agora o mundo se revela como uma teia de significado, de direção para sua vida. Lembro-me da cena que Benjamin (ao contar sua história) diz *que não sabia que era uma criança, mas um velho no final da vida*. Nesta cena ele compreende sua identidade não de forma cartesiana⁶, isto é, separada do mundo, mas em relação com o mundo no qual está inserido. Ou seja, quando ele diz: Eu sou Benjamin Button!, descobre sua essência a partir de sua existência. Benjamin descobre com isso que sua vida é estritamente dele. Ninguém poderia vivê-la em seu lugar. Somente ele poderia tomar para si ou não o verdadeiro sentido de sua vida. Isso fica claro na cena, já no final do filme, quando Benjamin diz:

Nunca é tarde demais, ou no meu caso cedo demais, para ser quem você quiser ser. Não há limite de tempo, comece quando quiser. Você pode mudar ou ficar como está, não há regras para esse tipo de coisa. Podemos encarar a vida de forma positiva ou negativa, espero que encare de forma positiva. Espero que sinta coisas que nunca sentiu antes. Espero que conheça pessoas com o ponto de vista diferente do seu. Espero que você tenha uma vida da qual se orgulhe. E se você descobrir que não tem, espero que tenha forças para começar novamente.

O filme, portanto, além de nos apresentar (através do personagem Benjamin Button) a fragilidade humana perante a sua existência, ressalta, por outro lado, que o homem não é meramente passivo e determinado pelo mundo em que vive, mas nele encontra-se a nobreza de poder reescrever sua história e colocar nela sentido através da ação e da obra que introduz no mundo. Por conseguinte, há traços similares na visão antropológica apresentada pelo filme com a abordagem heideggeriana da autenticidade e inautenticidade do ser, visto que para esse pensador o ser humano está sempre diante da possibilidade de assumir ou não o seu verdadeiro destino. À vista disso, para Heidegger o indivíduo autêntico é aquele fiel ao seu próprio *eu*, ou seja, é o sujeito que age por conta própria, assumindo as rédeas das suas próprias escolhas, e não é constrangido a fazê-las por causa da presença de outro. Já quanto ao indivíduo inautêntico, ele é aquele que renuncia ao seu próprio *eu*. Ele é o que transfere

⁶ René Descartes (1596-1650) foi um filósofo, físico e matemático francês. É considerado o pai do racionalismo moderno, e defendeu a tese de que a dúvida era o primeiro passo para se chegar ao conhecimento seguro.

para o outro a sua decisão. Fazendo, portanto, algo simplesmente porque outras pessoas fazem.

No filme há dois personagens que exemplificam muito bem o indivíduo autêntico e o indivíduo inautêntico pensado por Heidegger. O primeiro, como indivíduo autêntico, é o próprio Benjamin Button. O segundo é o capitão Mike (Jared Harris), capitão do rebocador. Benjamin, ao contrário desse último, demonstra sua autenticidade através da coragem de escolher quem realmente ele queria ser. Isso fica claro em algumas cenas que mostram a bravura desse personagem ao saborear experiências que até então ele não tinha sentido como, por exemplo, sua fidelidade com o seu próprio *eu* ao decidir sair de casa e ser responsável por sua própria vida, ao contrário de ficar em casa sendo infantilizado por sua mãe adotiva; o prazer em desfrutar seu primeiro beijo no caso que teve com Elizabeth Abbott (Tilda Swinton); o júbilo e deleite em assumir seu amor com Daisy e posteriormente sua decisão em largar esta e sua filha por causa de sua doença. Já quanto à inautenticidade do capitão Mike é revelada, quando este diz a Benjamin que desde criança (quando ajudava seu pai no trabalho do rebocador) desejava ser um artista, contrariando assim a vontade do pai que o obrigava a trabalhar no rebocador ao seu lado, dizendo-lhe ser esta a “vontade de Deus” para eles e nada poderia mudar isso. Percebe-se, portanto, que subjacente às encenações de macheza feitas pelo capitão Mike a Benjamin, escondia-se a inautenticidade de um homem que transferiu para seu pai “a decisão” do que ele realmente desejava ser para que a vontade de seu pai sobressaísse sobre seu próprio desejo de se tornar um artista.

III – A RELAÇÃO ENTRE TEMPO E CONTIGÊNCIA HUMANA

O segundo elemento que o filme me apresenta para pensar a condição humana é o tempo e a forma inusitada de representá-lo na imagem do relógio que gira ao contrário. Há três possíveis interpretações do significado desse excêntrico marcador de tempo que reflete diretamente na contingência humana.

Primeiramente, que o tempo, às vezes, corre numa direção de um destino contrário ao que esperávamos. No filme o relojoeiro Sr. Gateau (Elias Koteas), construiu o estranho relógio que gira ao contrário pensando que os rapazes, e seu filho, que morreram na guerra, voltariam para suas casas e viveriam uma vida normal, ou seja, trabalhariam, casariam, criariam seus filhos e (seguindo o ciclo natural da vida) enterrariam seus pais. Mas devido à presente fatalidade, os acontecimentos transcorreram de forma diferente, isto é, foram os pais que enterram seus filhos.

O filme acena em vários momentos que a existência humana é marcada por uma sucessão de eventos dos quais nós não podemos controlar. Lembro-me, em vista disso, da cena em que

Benjamin, após receber a notícia do acidente sofrido por Daisy, viaja para Paris para visitá-la. E enquanto Benjamin aguarda na recepção do hospital para vê-la, ele reflete sobre o acidente de Daisy dizendo:

Às vezes estamos numa rota de colisão e não sabemos. Seja por acidente ou intencional, não podemos fazer nada a respeito.

Uma mulher em Paris sai para fazer compras, mas ela esqueceu seu casaco e voltou para casa e o telefone tocou e ela atendeu e conversou alguns minutos. Enquanto ela falava no telefone, Daisy estava ensaiando para uma apresentação na ópera em Paris. E enquanto ela ensaiava, a mulher do telefone saiu para pegar um táxi.

O taxista saiu mais cedo e parou para tomar uma xícara de café. Enquanto isso Daisy estava ensaiado. E este taxista, que tinha deixado o passageiro mais cedo e tinha parado para tomar uma xícara de café, pegou a mulher que saiu para fazer compras.

O táxi teve que parar bruscamente diante de um pedestre que tinha saído atrasado, cinco minutos, porque se esquecera de ajustar o seu despertador. E enquanto aquele homem estava saindo para o trabalho, Daisy tinha acabado de ensaiar e estava tomando banho.

Enquanto Daisy tomava banho, o táxi esperava pela mulher que estava na confeitaria para pegar um pacote que ainda não fora embrulhado porque a moça que devia embrulhá-lo tinha brigado com o namorado na noite anterior e se esqueceu. Aí, quando o pacote estava embrulhado, a mulher que fora pegar o pacote voltou para o táxi, mas quando o táxi saiu, foi bloqueado por um caminhão de entrega. Enquanto isso Daisy estava se arrumando.

O caminhão de entrega se afastou, e o táxi pode seguir em frente. Enquanto isso Daisy, a última a se arrumar, esperava por sua amiga que arrumava o cadarço que arrebitara. Enquanto o táxi estava parado, esperando o sinal se abrir, Daisy e sua amiga saíam pelos fundos do teatro.

Se ao menos uma coisa tivesse acontecido diferente. Se o cadarço da amiga de Daisy não tivesse arrebitado, se o caminhão de entrega tivesse se afastado antes, se o pacote tivesse sido embrulhado antes (se a moça não tivesse rompido com o namorado), ou se aquele homem tivesse ajustado seu despertador e acordado cinco minutos antes, ou se o taxista não tivesse parado para tomar uma xícara de café, ou a mulher do casaco não tivesse esquecido seu casaco e o taxista a tivesse pego cinco minutos mais cedo. Daisy e sua amiga teriam atravessado a rua e o taxista não a teria atropelado.

Mas sendo a vida como ela é, uma série de eventos e incidentes interligados, que não se podem controlar, aquele táxi passou direto, e o motorista teve um momento de distração, e o táxi

atropelou Daisy, quebrando sua perna em cinco lugares.

Nota-se, através dos elementos apresentados acima, que a linguagem narrativa utilizada por Benjamin para descrever o acidente de Daisy é atualíssima para falar da tragédia humana frente às eventualidades da vida. A mensagem do filme, nesse ponto, provoca-nos a pensar que não devemos nos enganar com a aparente normalidade do nosso cotidiano, visto que sendo o tempo algo dinâmico e o cenário que se dá nossa existência seguir esse mesmo dinamismo, há uma grande possibilidade de, a qualquer momento, de forma súbita, sermos surpreendidos por um evento que nos ocasione pânico pela perda de algo ou alguém que representa certa estabilidade para nossa vida. Porque nada na vida é para sempre. Até o para sempre, sempre acaba. Pois o presente a todo o momento nos escapa. Ele está constantemente fluindo e se tornando passado a cada instante do seu fluir, visto que até mesmo o tempo (assim como a existência humana) carece de estabilidade. Portanto, na relação entre homem e tempo, nossa existência se dá no hiato entre passado e futuro, ou seja, o presente é apenas um instante que escorre pelas nossas mãos e imediatamente se torna passado, mas deixa em nosso espírito em sua passagem, como já nos acenava Santo Agostinho⁷, imagens que podem ser vistas de novo através da memória no presente. Ou seja, o momento presente que saboreio torna-se passado instantaneamente e é através da memória que posso resgatá-lo e tocá-lo mais uma vez, porém não mais fisicamente, mas apenas por meio da recordação. Em vista disso, acredito que os momentos são medidos e determinados em sua duração não apenas pelas lembranças, mas pela maneira como nos entregamos a cada instante vivenciado. O amor entre Benjamin e Daisy tem muito a nos ensinar sobre isso. Convido-os a observarem que no filme o tempo, com toda sua sutileza, coloca-se entre essas duas personagens como se estivesse brincando com o sentimento delas, pois, num instante ele permite que Benjamin e Daisy se apaixonem no primeiro momento que se veem. Para depois os separar, deixando apenas a saudade como ponte entre eles a fim de uni-los de novo em outro momento de suas vidas para finalmente separá-los novamente, indo contra o desejo do casal. Talvez o filósofo Heráclito⁸ tenha razão em dizer "... *que o tempo é como uma criança brincando*", isto porque ele é lúdico, dinâmico e está sempre em movimento, construindo e desconstruindo a realidade, semelhante a uma brincadeira de criança.

⁷ Aurélio Agostinho, conhecido como Santo Agostinho (354-430), foi um bispo, escritor, teólogo, filósofo e Doutor da Igreja. Cf. BRACHTENDORF, Johannes. *Confissões de Agostinho*. São Paulo: Loyola, 2008, p. 239-268.

⁸ Heráclito de Éfeso (c. 535-475 a.C) foi um filósofo pré-socrático que parte do princípio de que tudo é movimento, e que nada pode permanecer estático. No fragmento 52 do seu pensamento ele compara o tempo a uma criança brincando. Cf. *Os Pré-Socráticos*. São Paulo: Abril Cultural, 1973, Coleção Os Pensadores, p. 90.

Por isso o filme acena constantemente, em relação ao tempo, a que *"nunca se sabe a onde o destino te levará"*.

Em segundo lugar, o relógio que gira ao contrário simboliza que o tempo pode durar para sempre, mas o tempo da nossa existência está acabando, ou seja, a cada instante que passa nos aproximamos da morte. Logo não é mais um dia de vida que temos e sim menos um dia de vida. Por conseguinte, o relógio da existência gira ao contrário, porque a cada instante que passa me aproximo do meu fim. Por mais que uma pessoa queira negar o fenômeno da morte ao ponto de querer percebê-lo apenas como morte dos outros e não a sua, terá que se conscientizar de que a qualquer momento a morte o alcançará também.

A cena quando Benjamin diz *"Eu vou sair desse mundo da mesma forma que cheguei, isto é, sozinho e sem nada"* faz-me recordar o pensamento do filósofo Heidegger acerca da finitude do homem, pois o homem para ele é um ser para morte. Isto porque o homem tem que morrer sua própria morte, pois a morte é uma realidade de que não tem como fugir. É muito significativa também a contribuição do psicanalista Medard Boss (1981, p. 72-73) sobre esse tema, pois, segundo ele, as pessoas que têm consciência de que a cada instante estão se aproximando de sua morte, conseguem saborear a vida com mais intensidade do que aqueles indivíduos que se blindam para não pensar sobre seu fim. Visto que os que se abrem para refletir sobre sua finitude percebem que cada momento de suas vidas é irrecuperável e por isso tem que ser aproveitado, porque sendo o homem finito cada momento conta. Já os que se negam a pensar sobre sua finitude, não percebem que talvez eles não tenham outra chance para aproveitar uma oportunidade perdida.

Em vista disso, o filme acena que o personagem Benjamin Button por conviver tanto com a visita súbita da morte, em sua casa, aprendeu a aproveitar os poucos e bons momentos que a vida lhe permitiu, pois ele sabia que aqueles momentos não durariam para sempre. Uma das cenas em que fica bem claro isso é quando Benjamin e Daisy estão juntos saboreando sua paixão, e ele diz para ela: *vou aproveitar cada momento que tiver ao seu lado, pois sei que nada é eterno, e isso é uma pena*.

Recordo-me de uma antiga história Zen contada uma vez por um educador:

Um dia, andando na selva, um homem encontrou um tigre feroz. Ele correu para salvar sua vida, perseguido pelo tigre.

O homem chegou à beira de um precipício, e o tigre estava quase alcançando-o. Sem opção, ele se agarrou a uma parreira com suas duas mãos, e desceu.

No meio do precipício, olhou para cima e viu o tigre no topo, arreganhando os dentes. Ele olhou para baixo, e viu outro tigre, rugindo e esperando sua chegada. E ficou preso entre os dois.

Em seguida, apareceram dois ratos sobre o precipício, um branco e outro preto. Como se ele não tivesse preocupações suficientes, os ratos começaram a roer a parreira.

Sabia que se os ratos continuassem a roer, chegaria um ponto em que a parreira não poderia suportar seu peso, causando sua queda. Tentou espantar os ratos, mas eles voltavam e continuavam a roer.

Neste momento, ele observou um morangueiro crescendo na parede do precipício, não muito longe dele. Os morangos pareciam grandes e maduros. Segurando-se na parreira com apenas uma das mãos, com a outra colheu um morango.

Com um tigre acima, outro abaixo, e com os ratos continuando a roer a parreira, o homem comeu o morango e achou-o absolutamente delicioso.

Lembro-me que nesse momento ele terminou de contar a história e subitamente foi interpelado por alguns alunos: “mas e aí professor...” O homem caiu ou não? Os tigres conseguiram matá-lo?

Então ele nos acenou como esta metáfora está cheia de representações que possuem significados para a condição humana. O tigre pode tanto simbolizar nesta história a morte que espera pacientemente por todos nós no futuro, porque ela sabe que mais cedo ou mais tarde, todos nós estaremos ao seu alcance, como também alguma fatalidade que aparece em nosso caminho existencial, provocando toda uma desarmonia em nossa vida. O estar suspenso no meio do precipício pode significar que da mesma forma vivemos suspensos entre o passado e o futuro. O futuro é uma terra desconhecida, um capítulo não escrito na nossa história. Ele contém todos os nossos projetos e medos, vitórias potenciais e possíveis fracassos. Ele é a incerteza do amanhã que nos provoca angústia. Mas o que me chamou mais atenção foi quando ele comentou sobre o morango que aparece na encosta do precipício. Esta fruta pode simbolizar a boa surpresa trazida pelo tempo no momento presente. Ou seja, a beleza inesperada que nos provoca alegria e esperança em meio aos momentos difíceis que atravessamos. Tem horas na vida que a única coisa que nos resta a fazer é saborearmos os morangos que aparecem nas encostas da nossa existência, pois, mais cedo ou mais tarde, todos nós morreremos. E é melhor morrer com a barriga cheia de morangos do que com ela vazia. Os morangos, simbolizados na história acima, podem representar oportunidades que nós não podemos deixar de saborear ao lado dos nossos familiares, amigos e de quem nos quer bem, visto que o nosso tempo está se acabando. O fim se aproxima! Não temos como fugir disso. Talvez seja por isso que o autor do livro do Eclesiastes nos aconselha: “...Goza tua vida com a mulher que amas (...). Tudo quanto vier a tua mão para fazer,

faze-o conforme tuas forças, porque para o além, para onde tu vais, não há obras, nem projetos...” (9.9-10)⁹.

E finalmente, em terceiro lugar, o rejuvenescimento de Benjamin Button nos acena que no contrário caminho à natureza humana, do rejuvenescer com o tempo, o espírito humano pode alcançar sua maturidade. Isso porque, esta se atinge não ao se olhar para o ponto de chegada, mas sim para o ponto de partida. Isto é, penso que o filme nos propõe um caminho contrário ao tradicional, ou seja, atingir a maturidade aprendendo com os exemplos das crianças, pois só as pessoas capazes de manter a curiosidade e o espírito lúdico da infância terão sempre novos êxitos ao seu alcance. Em vista disso, lembro-me das palavras do filósofo *bufão*, chamado Nietzsche¹⁰, que disse certa vez “que o máximo de maturidade que um homem pode atingir é quando ele tem a seriedade que têm as crianças quando brincam”. Para ele, a criança consegue com sua capacidade criativa compor um livre sim ao mundo, à existência, ao jogo de criar e desfazer, sem a preocupação de se submeter ao constrangimento das regras que a sociedade impõe aos adultos, pois ela é autêntica e verdadeira para se rebelar e criticar o que não lhe agrada, visto que consegue se assombrar (semelhante ao espanto admirativo dos gregos) com a realidade que a cerca.

Por conseguinte, percebo esta autenticidade e espontaneidade para celebrar a vida, encontradas nas crianças, encontram-se também no personagem Benjamin Button, pois ele é um indivíduo que demonstra curiosidade e encanto com a realidade que está a sua volta. Apesar de sua doença, ele não se priva de saborear sua existência de forma livre, autêntica e verdadeira consigo mesmo.

CONCLUSÃO

Portanto, a abordagem existencial do filme “*O Curioso Caso de Benjamin Button*” é um convite para pensarmos a existência humana como um caso curioso, isto é, como um modo de ser (existir) que está para além dos conceitos e estereótipos que usamos para definir o que é o homem. E a encontrar semelhantemente no personagem Benjamin Button, que nasce em circunstâncias incomuns, algo que é familiar a todos nós em nosso breve momento de existência, a saber, a mesma experiência de silêncio que nos corta a palavra por causa de nossa fragilidade humana diante de uma realidade que nos provoca estranhamento, dor e angústia por causa da experiência de estarmos lançados no mundo e ao mesmo tempo a

⁹ *A Bíblia Sagrada*. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

¹⁰ Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900) foi um filólogo e influente filósofo alemão do século XIX. Cf. ALVES, Rubem. Voltando a ser criança. *Folha de São Paulo*, Tendências e Debates. Disponível em: < <http://www.rubemalves.com.br/voltandoasercrianca.htm> >. Acesso em: 30/03/2012.

experiência de superação de nossa condição humana frente à realidade assustadora. Em vista disso o filme nos acena que a existência humana não encontra-se apenas numa realidade trágica, isto é, marcada por uma sucessão de eventos que nós não podemos controlar, mas que nos encontramos num mundo que se revela também a nós como uma teia de significado e direção para nossa vida, permitindo-nos com isso reescrevermos nossa história, colocando nela sentido e direção para nossas vidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALVES, Rubem. Voltando a ser criança. *Folha de São Paulo, Tendências e Debates*. Disponível em: <<http://www.rubemalves.com.br/voltandoasercrianca.htm>>. Acesso em: 30/03/2012.

A *BÍBLIA SAGRADA*. Trad. João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

BOSS, Medard. *Angústia, Culpa e Libertação*: ensaios de psicanálise existencial. São Paulo: Duas Cidades, 1981.

BRACHTENDORF, Johannes. *Confissões de Agostinho*. Trad. Milton Camargo. São Paulo: Loyola, 2008.

DUBOIS, Christian. *Heidegger: introdução a uma leitura*. Trad. Bernardo B. Coelho de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p.42.

HERÁCLITO. *Os Pré-Socráticos*. Trad. José Cavalcante de Souza. 1.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1973 (Os Pensadores).

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. *Dicionário Paulo Freire*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.